

## O CONTRIBUTO DE JOÃO PAULO II À REFORMA LITÚRGICA

### ( I )

O pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005) registou uma solicitude constante pela renovação litúrgica na linha traçada pelo II Concílio do Vaticano, conduzindo a Igreja para uma participação cada vez mais profunda da obra da salvação na liturgia.

João Paulo II, de viva memória, não foi apenas uma testemunha e um protagonista do II Concílio do Vaticano, no que respeita à liturgia, mas um verdadeiro interprete e executor da reforma litúrgica. O papa revelou-se no seu longo pontificado como o grande liturgo e orante da Igreja.

Efectivamente, para o Santo Padre a liturgia é a voz do Espírito e da Igreja: «Com efeito, que é a Liturgia senão a voz uníssona do Espírito Santo e da Esposa, a santa Igreja, que bradam ao Senhor Jesus: “Vem”? Que é a Liturgia senão aquela fonte pura e perene de “água viva”, da qual cada pessoa sedenta pode haurir gratuitamente o dom de Deus (cf. *Jo* 4,10)? Verdadeiramente, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, primícia daquela “grande graça de que a Igreja

beneficiou no século XX”, o Concílio Vaticano II, o Espírito Santo falou à Igreja, não cessando de orientar os discípulos do Senhor “para a verdade total” (*Jo* 16,13)»<sup>1</sup>.

À distância de quarenta anos da *Sacrosanctum Concilium*, João Paulo II interrogava assim a vida litúrgico-sacramental da Igreja: «É vivida a Liturgia como “fonte e cume” da vida eclesial, segundo o ensinamento da *Sacrosanctum Concilium*? A redescoberta da Palavra de Deus, que a reforma litúrgica levou a cabo, encontrou uma resposta positiva no âmbito das nossas celebrações? Até que ponto a Liturgia entrou na vida concreta dos fiéis e marca o ritmo de cada uma das comunidades? É vista como um caminho de santidade, força interior do dinamismo apostólico e da missionariedade eclesial?»<sup>2</sup>.

Ousaremos tratar o contributo de João Paulo II à reforma litúrgica em dois sentidos, a partir da sua *lex orandi*, isto é, da liturgia celebrada e do seu pensamento sobre a liturgia no hoje da Igreja.

<sup>1</sup> J. PAULO II, Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa* (04.12.2003), n. 1.

<sup>2</sup> J. PAULO II, Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa* (04.12.2003), n. 6.

## 1. CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS PONTIFÍCIAS

A liturgia presidida pelo Papa, depois do Concílio, é uma liturgia radicada na Tradição e inteiramente orientada pela *Sacrosanctum Concilium*, centrada no Mistério pascal de Cristo.

Antes de mais, o fim supremo da reforma litúrgica pós-II Concílio do Vaticano é fazer viver o mistério pascal «*ut mysterium paschale vivendo exprimat*»<sup>3</sup>. O mistério cristão sintetiza-se, com efeito, no mistério pascal. Este evento completa a história da salvação, inaugurando um tempo novo, o tempo da plenitude. A liturgia é, por conseguinte, toda orientada para a história da salvação plenamente realizada no mistério de Cristo, cujos ritos são sinais da presença deste mesmo mistério.

O Mestre das celebrações litúrgicas pontificias desde 1987, o Arcebispo Piero Marini salienta a importância da liturgia papal, nestes termos: «Nenhuma experiência litúrgica do nosso tempo é comparável, na variedade de situação e de soluções, à vivida pelo Santo Padre e pelo Ofício das celebrações litúrgicas pontificias»<sup>4</sup>. Na verdade, a prática litúrgica do pontificado de João Paulo II evidenciou algumas linhas fundamentais da reforma litúrgica, como o valor supremo da Palavra de Deus, a participação activa dos fiéis, a consciência da unidade e universalidade da Igreja.

A liturgia fazia parte da sua vida, embora não esgotasse toda a sua acção. Contudo, na celebração litúrgica impressionava «a profunda consciência da eloquência do gesto e da importância das palavras»<sup>5</sup>. Para quantos tiveram o privilégio de participar na Eucaristia, que o Santo Padre celebrava quotidianamente na capela privada do palácio apostólico, testemunham que dela saíam profundamente comovidos com o que nela se vivia.

A promoção de uma educação litúrgica dos cristãos foi um veemente convite de João Paulo II: «É um campo em que muito falta ainda por fazer, ou seja, para ajudar os sacerdotes e os fiéis a compreenderem o sentido dos ritos e dos textos litúrgicos, para aperfeiçoar a dignidade e a beleza das celebrações e dos locais; e para promover, à maneira dos Padres da Igreja, uma “catequese mistagógica” dos sacramentos»<sup>6</sup>. Formar para a liturgia significa consentir a entrada no mistério cristão. A liturgia não é tanto uma doutrina a compreender, mas uma fonte de luz e de vida para a inteligência e a experiência do mistério.

Ao silêncio deu grande relevância como parte integrante da celebração<sup>7</sup>. Na presidência eucarística, o Papa observava, de especial modo, o silêncio antes da oração colecta a seguir ao convite “*Oremus*”, depois de cada leitura e depois da comunhão. Com efeito, era uma lição prática de participação activa, de recolhimento inte-

<sup>3</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, «*Instructio ad executionem constitutionis de sacra liturgia recte ordinandum, Inter Oecumenici, 6*», *AAS* 56 (1964) 878.

<sup>4</sup> P. MARINI, *Il quarantesimo della Sacrosanctum Concilium. Memoria di una esperienza*, Libreria Editrice Vaticana 2004, 13.

<sup>5</sup> A. BONIECKI, «Lo stile celebrativo di Giovanni Paolo II», *Notitiae* 24 (1988) 850.

<sup>6</sup> J. PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* (04.12.1988), n. 21; cf. *Ecclesia in Europa* (28.06.2003), n. 73.

<sup>7</sup> Cf. SC 30; IGMR 45.

rior, de meditação, de louvor e de acção de graças.

A primeira grande celebração a que presidiu foi a Eucaristia do início do seu ministério petrino a 22 de Outubro de 1978, transmitida pela televisão para todo o mundo. Deste dia ecoam ainda aquelas palavras inesquecíveis: «Não tenhais medo! Abri, escancarai as portas a Cristo...». Sucessivamente, na sua capela privada, na capela sistina, na capela paulina, na capela de Castelgandolfo, na capela matilde (agora *Redemptoris Mater*), nas Basílicas e paróquias romanas e em tantos outros lugares da terra, João Paulo II celebrou o mesmo e único mistério de Cristo ao ritmo do Ano litúrgico. E como não recordar as múltiplas celebrações do Jubileu 2000?

O centro das suas viagens apostólicas pelo mundo inteiro era sempre o altar, porque a liturgia e sobretudo a Eucaristia é o vértice e a fonte da vida da Igreja<sup>8</sup>. Na encíclica de 2003 bem o salientou, afirmando: «a Igreja vive da Eucaristia»<sup>9</sup>. Todas as celebrações litúrgicas envolveram sempre uma grande preparação. A nível local, uma equipa de liturgistas, pastoralistas, arquitectos, coreógrafos... ajudaram a entrar no único Mistério de Cristo celebrado pelo Papa, através de uma geografia litúrgica em ambientes tão diversos e culturas tão distintas.

João Paulo II celebrou todas estas acções litúrgicas, especialmente como administrador dos sete sacramentos, «*verbo et exemplo*», qual grande “li-

turgo” que vive Cristo nos seus mistérios e os propõe aos fiéis, mediante uma catequese com constantes referências à liturgia»<sup>10</sup>. O estilo celebrativo do Papa revestiu-se de grande sacralidade e de beleza, ao mesmo tempo, de grande proximidade no contacto com as pessoas e de nobre simplicidade.

À luz da reforma conciliar foram actualizadas algumas celebrações presididas pelo Papa. Na solenidade do Natal foram inseridos dois elementos: o anúncio do nascimento histórico do Salvador, chamado *Kalenda*, com um texto do novo Martirólogo Romano; a homenagem de flores ao Menino Jesus durante o canto do *Glória* feita por algumas crianças provenientes dos vários continentes. Na Missa crismal de Quinta-feira Santa, os óleos foram acompanhados respectivamente por alguns catecúmenos, por alguns doentes e por alguns candidatos à Confirmação e por alguns diáconos em transição para o presbiterado. Na Missa da Ceia do Senhor, durante o mandato foi inserido o convite dirigido a todos para expressar a caridade fraterna própria do discípulo do Senhor. Na celebração do dia de Páscoa retomou-se o rito do *Ressurrexit*. Ao início da celebração o Papa testemunhava e anunciava a ressurreição diante do ícone de Cristo Salvador, denominado *Acheropita*. Na vigília do Pentecostes foi inserido, depois da homília, a memória do sacramento da Confirmação.

Em todas as celebrações sublinhou-se sempre a relação entre o gesto, a imagem

<sup>8</sup> Cf. SC 9-10.12.

<sup>9</sup> Cf. J. PAULO II, *Ecclesia de Eucaristia* (17.04.2003), n.1.

<sup>10</sup> V. NOÉ, «Il Papa venuto da lontano vicino a tutti nelle celebrazioni», *Notitiae* 24 (1988) 857.

e a palavra com o mistério celebrado e tendo presente a activa participação dos fiéis. Um subsídio de grande utilidade pastoral é o guião preparado para cada celebração. Cada pequeno livro descreve o conjunto dos ritos e insere a Palavra de Deus, as orações, os cânticos, as admoções. É de considerar o grande valor da impressão tipográfica e das respectivas imagens dos libretos. Em algumas ocasiões especiais, o guião consta também de uma apresentação com a explicação dos vários momentos rituais da celebração e quando tal o exige, a biografia dos beatos e dos santos. Acrescem os libretos da *Via Crucis*, por causa do seu notável valor artístico e dimensão eclesial.

Justamente, podemos afirmar que João Paulo II celebrou e viveu na fidelidade aos grandes fundamentos teológico-litúrgicos da *Sacrosanctum Concilium*, a saber: o exercício do sacerdócio de Cristo (SC 7); o vértice e a fonte da vida cristã (SC 10); a participação plena, consciente e activa (SC 14); a epifania da Igreja (SC 26.41); a unidade substancial (SC 38); a sã tradição e um progresso legítimo (SC 23); a língua (SC 36); a presença da Palavra de Deus (SC

21.24.35; DV 4.21); a educação litúrgica (SC 14); o canto e a arte sacra (SC 112.122).

Em simultâneo, os princípios da reforma litúrgica são bem evidentes nas celebrações de João Paulo II, ou seja, o aumento da vida cristã, a adaptação das instituições eclesiais ao nosso tempo, a promoção da união dos cristãos (ecumenismo), a proposta a todos os homens do convite de entrar na Igreja (missão) e a nobre simplicidade e a clareza na brevidade dos ritos. A propósito, o sumo Pontífice escreveu: «A renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Para muitos, a mensagem do Concílio do Vaticano II foi percebida, acima de tudo, através da reforma litúrgica»<sup>11</sup>.

A liturgia é a Igreja em oração. Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica. E porque é o «sacramento de unidade»<sup>12</sup>, as acções litúrgicas pertencem a todo o corpo da Igreja. Por isso, João Paulo II reconheceu que «na liturgia o Mistério da Igreja é verdadeiramente anunciado, saboreado e vivido»<sup>13</sup>.

JOSÉ CORDEIRO

<sup>11</sup> J. PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* 12.

<sup>12</sup> SC 26; cf. SC 41; cf. LG 1.

<sup>13</sup> J. PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* 9.